

ANÁLISE SOBRE A EPISTEMOLOGIA E SUA APLICAÇÃO À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANALYSIS ON EPISTEMOLOGY AND ITS APPLICATION TO INFORMATION SCIENCE

Daniel Abraão Pando^a

Carlos Cândido de Almeida^b

RESUMO

Objetivo: O presente artigo tem como objetivo, a partir de uma perspectiva mais verticalizada, fazer uma síntese de algumas concepções do discurso sobre a epistemologia em sua historicidade que se elabora mediante reflexões epistemológicas e filosóficas e, de forma mais horizontalizada, identificar sua aplicabilidade e importância no campo da Ciência da Informação. **Metodologia:** Para tanto adotamos como metodologia o emprego de um estudo eminentemente teórico a partir de uma revisão bibliográfica de autores fundamentalmente ligados ao campo da Epistemologia sem uma delimitação cronológica específica. **Resultados:** Constatou-se que, em uma concepção lato sensu, a epistemologia pode ser compreendida como uma área (ciência) cujo objetivo é a qualidade do conhecimento científico interessando-se, de forma preponderante, pelo problema do crescimento dos conhecimentos científicos, portanto, para atingir seu objetivo deve ser útil à ciência e não ser aplicada de forma apenas superficial. Outro ponto a ser destacado é que os estudos sobre questões epistemológicas no campo da Ciência da Informação tornam-se fundamentais pois além de um alto grau de complexidade, a mesma ainda não tem claramente definido seu estatuto científico e metodológico e dessa forma atua de forma sistematicamente recursiva para abordar seu polêmico objeto de estudo, a saber a informação. **Conclusão:** Nesse contexto, a epistemologia toma por objeto a ciência como processo, buscando conhecer seu *dever* e analisar sua gênese, formação e estruturação progressiva.

Descritores: Epistemologia. Ciência da Informação. Análise Epistemológica.

1 INTRODUÇÃO

O termo epistemologia vem, ao longo do tempo, suscitando diversas

^a Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (PPGCI-UNESP). danielpando@bol.com.br

^b Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: carlos.c.almeida@unesp.br

discussões quanto ao seu fundamento e aplicação. Mas, afinal, o que é a epistemologia? Não são poucos os questionamentos que se fazem sobre o delineamento desse termo frequentemente apontado como um termo polêmico.

Estes questionamentos em torno do termo também dizem respeito a seus domínios, etimologia e até o seu aparecimento enquanto disciplina científica. Japiassu (1979) argumenta que falar de epistemologia é engajar-se num espaço polêmico ou conflitante, uma vez que sob este título apresentam-se trabalhos que, frequentemente, nada tem de comum, quando não se excluem explicitamente. Francelin (2005) entende que a discussão sobre o que venha a ser ou se tornar a epistemologia está longe de qualquer tipo de facilidade aparente.

No entanto, estudos dessa natureza vem ganhando uma centralidade cada vez maior em agendas de pesquisas voltadas para a consolidação de diversos ramos do saber que se veem às voltas com constantes questionamentos a respeito de sua cientificidade como por exemplo, a própria Ciência da Informação (CAPURRO, 2010; FREIRE, 2008; GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2012; ODDONE, 2007; RABELLO, 2010; SALDANHA, 2008; RENDON ROJAS, 2012; SHERA, 1977; ZANDONADE, 2000).

Importante enfatizar que não há uma pretensão de analisar de forma exaustiva todos os problemas da epistemologia. O que buscamos no presente artigo é apresentar, de uma forma mais verticalizada, uma síntese de algumas concepções do discurso sobre a epistemologia que se elabora mediante conceitos básicos e fundamentais para sua melhor compreensão a partir de distintas perspectivas teóricas. E, de forma mais horizontalizada, analisar a aplicabilidade de estudos dessa natureza no campo da Ciência da Informação como forma de sustentar o discurso de sua ainda incipiente cientificidade.

2 EPISTEMOLOGIA

Passamos agora a discutir com um pouco mais de profundidade o termo

que é nosso objeto de estudo no presente artigo, qual seja, a Epistemologia¹ que começou a figurar no vocabulário filosófico a partir do século XIX “como o discurso sobre o qual o discurso da ciência é refletido, evidenciando assim os meios do conhecimento científico” (KOCHE, 2005, p. 15).

O que seria então a epistemologia? Japiassu (1979) entende que, etimologicamente, Epistemologia significa discurso (logos) sobre a ciência (*episteme*). É a disciplina que estuda como construímos o conhecimento ou como sabemos o que cremos que sabemos.

Para Santos (2000, p.20), “a reflexão epistemológica moderna tem as suas origens na filosofia do século XVII e atinge um dos seus pontos altos em fins do século XIX”. Esse período, de acordo com o autor, coincide com a emergência e a consolidação da sociedade industrial e é testemunha do desenvolvimento espetacular da ciência e da técnica.

A partir de um estudo desenvolvido por Santos (2000), é possível perceber que existe uma série de definições que, ao longo do tempo, procuraram dar um delineamento a este termo sem, no entanto, chegar a um consenso quanto a sua delimitação, escopo de aplicação e usos que podem ser feitos a partir da sua utilização. Apresentamos, a seguir, uma compilação dessas definições.

Quadro 1 – Definições de epistemologia

Autor	Definição
Piaget (1967)	O estudo da constituição dos conhecimentos válidos, em que o termo ‘constituição’ abrange tanto as condições de acesso como as condições propriamente constitutivas.
Dagobert Runes (1968)	Epistemologia é o ramo da filosofia que investiga a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento.
Bachelard (1971)	A filosofia que a ciência merece. A ciência cria, ela própria, a sua filosofia, uma filosofia que se aplica e que por isso não é especulativa.
André Lalande (1972)	O estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados de diversas ciências.
Blanché (1972)	Reflexão de segundo grau sobre a ciência, uma metaciência que, embora sujeita à contaminação filosófica, se integra cada vez mais na ciência pela obediência aos critérios da objetividade científica.
Sedas Nunes (1973)	Tomada de consciência e reflexão acerca do que é característico do trabalho científico e que precisamente se revela nas próprias produções intelectuais resultantes desse trabalho.
Armando de Castro (1975)	É uma metaciência, a ciência que estuda os conhecimentos científicos, formulando as leis da produção e transformação dos conceitos de cada disciplina.

¹ A epistemologia, juntamente com a metafísica, a lógica e a axiologia constituem as quatro grandes divisões da filosofia (TOULMIN, 1953 *apud* GOMES, 2009, p. 37).

Ferreira de Almeida e Madureira Pinto (1976)	A epistemologia tem por objeto as condições e os critérios de cientificidade dos discursos científicos. Uma disciplina que não funda do exterior o saber científico e que, por isso, é parcialmente parasitária, uma vez que a sua intervenção se verifica sempre após se ter alimentado dos quadros conceituais, disciplinares.
Rorty (1980)	É a filosofia das representações privilegiadas, a teoria do conhecimento saturada pelo desejo de encontrar os fundamentos a que nos possamos agarrar, quadros de referência para além dos quais não podemos ir, objetos que se impõem por si, representações que não podem ser negadas.
Teixeira Fernandes (1985)	Depois de negar a possibilidade de uma 'ciência da ciência' e de considerar inútil a pretensão de querer definir em termos absolutos e definitivos o que é a cientificidade atribuí à epistemologia a tarefa de tornar consciente a 'normatividade científica, produzida na própria prática da ciência'.

Fonte: Santos (2000, p. 19-20)

A partir de tais definições, é possível constatar que a epistemologia é uma “[...] disciplina, ou tema, ou perspectiva de reflexão, cujo estatuto é duvidoso, quer em função do seu objeto, quer em função do seu lugar específico nos saberes” (SANTOS, 2000, p.20). Da mesma forma, Japiassu (1979, p.23) afirma que em relação à epistemologia “não existe sequer um acordo quanto à natureza dos problemas que ela deve abordar”.

No entendimento de Japiassu e Marcondes (1996), não existe uma precisão terminológica a respeito dos estudos que são desenvolvidos por essa área. Como apresentam os referidos autores, um tratado de epistemologia pode receber títulos tão diversos como os que são apresentados a seguir: “A lógica da pesquisa científica”, “Os fundamentos da física”, “Ciência e Sociedade”, “Teoria do conhecimento científico”, “Metodologia científica”, “Ciência da ciência”, “Sociologia das ciências”, dentre outros.

A partir dessa enumeração, pode-se observar que a epistemologia é uma disciplina que frequentemente muda de forma e que, conforme a necessidade se faz lógica, filosofia do conhecimento, sociologia, psicologia, história (JAPIASSU; MARCONDES, 1996).

Assim, se como afirma Japiassu (1979), da epistemologia sabe-se mais sobre aquilo que ela não é e pouco sobre aquilo que é ou se torna, pode-se constatar que “ela não é, propriamente falando, o estudo dos métodos científicos, os quais pertencem à metodologia. Também não é uma síntese, ou uma antecipação conjectural das leis científicas” (JAPIASSU, 1979, p.25).

Epistemologia seria essencialmente “o estudo crítico dos *princípios*, das *hipóteses* e dos *resultados* das diversas ciências. Semelhante estudo tem por

objetivo determinar a origem lógica (não psicológica) das ciências, seu *valor* e seu *alcance* objetivos (JAPIASSU, 1979, p.25, grifos do autor)”.

Essa constatação é corroborada por Japiassu e Marcondes (1996) para os quais a epistemologia se interessa pelo problema do crescimento dos conhecimentos científicos e, dessa forma, pode-se defini-la como:

A disciplina que toma por objeto não mais a ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade ou os títulos de legitimidade, mas as ciências em vias de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estrutura progressiva (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 85).

Se até o início do século XIX a epistemologia era desenvolvida, principalmente, a partir de uma perspectiva mais individualizada, essa situação sofreu uma grande modificação a partir de 1927, com a fundação do Círculo de Viena que contava entre seus integrantes com Friedrich Waismann (1896-1959), Gustav Bergmann (1906-1987), Hans Hahn (1879-1934), Herbert Feigl (1902-1988), Carl Menger (1840-1921), Karl Ludwig von Bertalanffy (1901-1972), Otto Neurath (1882-1945), Rudolf Carnap (1891-1970), Victor Kraft (1880-1975) dentre outros. Bunge (1980) afirma que essa foi a primeira vez na história que ocorreu a reunião de um grupo de epistemólogos, sendo alguns deles profissionais, com o objetivo de trocar ideias e trabalhar coletivamente no desenvolvimento de uma nova Epistemologia, o empirismo lógico².

Apesar de durar pouco tempo, aproximadamente uma década, as atividades do grupo foram intensas e de uma grande influência. Bunge (1980) chama essa fase de a profissionalização da Epistemologia.

No entanto, o desenvolvimento da epistemologia que desenvolviam tinha, na visão de Bunge (1980), um defeito fatal, uma vez que a mesma estava presa a uma tradição empirista e indutivista baseada nos pensamentos de autores como Bacon, Hume, Berkeley e Comte. Essa tradição não era compatível com a Epistemologia realista inerente ao enfoque científico. Dessa forma, as atividades dos integrantes do Círculo estavam comprometidas, já que os mesmos estavam sujeitos a uma filosofia, o empirismo, que era incapaz de dar conta das teorias

² “O empirismo lógico foi o projeto de ponta na filosofia da ciência por todo o mundo anglófono, especialmente na América do Norte, do início da década de 1930 até ao final da década de 1950. Mas no final desta década, surgiram vários projetos alternativos na filosofia da ciência” (RICHARDSON, 2007, p .346).

científicas que, na visão de Bunge (1980, p. 8), “[...] são qualquer coisa menos síntese de dados empíricos [...]”.

Com a adesão de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) ao Círculo, começa o período que Bunge (1980) denomina de Epistemologia artificial. De acordo com o autor, Wittgenstein tinha um desinteresse pela Matemática e pela ciência e, com sua obsessão pelos jogos linguísticos, acabou por influenciar de uma forma muito intensa sobre as atividades do Círculo a ponto de fazê-lo perder de vista os objetivos iniciais. Dessa forma, “[...] deixou-se de falar da ciência para falar da linguagem da ciência; de interessar-se pelos problemas autênticos colocados pelas novas teorias científicas, para formular-se questões triviais acerca do uso de expressões” (BUNGE, 1980, p. 8).

Aqui é importante pontuar a diferença clara entre a epistemologia e a terminologia. O estudo da linguagem da ciência, de maneira mais concreta a terminologia técnica de uma área de especialidade, não se configura como abstração ou pesquisa epistemológica. O estudo do emprego das expressões ou do discurso da ciência não pode se confundir com a análise do objeto e dos problemas da descoberta de novo conhecimento em uma ciência. A simples proposição definitiva de termos pouco resolvidos ou assentados em uma ciência não se configura epistemologia.

Nesse sentido, a Filosofia da Ciência (que reflete sobre o modo como se constrói a ciência, como progride diferentemente da epistemologia que em sentido lato se interessa pelo crescimento e qualidade dos conhecimentos científicos) que os membros do Círculo cultivavam, passou a se tornar cada vez mais artificial, ou seja, os problemas, que eram por eles abordados, raramente tinham relação com a ciência real. Foi, dessa forma, que acontecimentos que provocaram uma verdadeira revolução científica, como o nascimento da teoria sintética da evolução, a Biologia molecular, a Matematização das ciências sociais e a aplicação do método científico ao planejamento das atividades humanas acabaram passando despercebidos. Assim, a Epistemologia artificial fechou-se dentro de uma problemática que não mais atraía a atenção dos pesquisadores científicos e estes passaram a ignorar os escritos dos epistemólogos contemporâneos, gerando um desinteresse pela Epistemologia

umentando, assim, a fenda entre cientistas e filósofos (BUNGE, 1980).

A partir dessa perspectiva, Bunge (1980) chega à constatação de que, embora exista uma Epistemologia que seja academicamente respeitável é amiúde inútil, pois a mesma não examina criticamente seus pressupostos e se encontra separada da pesquisa científica ao se preocupar com miniproblemas ou pseudoproblemas além de discutir opiniões de filósofos em vez de problemas filosóficos vivos. Para contrapor a essa forma de desenvolver a epistemologia, o autor apresenta uma alternativa que ele chama de Epistemologia útil.

No seu entendimento, “uma filosofia da ciência não merece o apoio da sociedade se não constituir um enriquecimento da Filosofia e não for útil à ciência” (BUNGE, 1980, p. 12). A partir desse entendimento, o autor apresenta uma série de condições para que a Epistemologia possa ser considerada útil, dentre as quais se podem destacar as seguintes: a) ela deve referir-se à ciência propriamente dita e não simplesmente a uma imagem pueril e, às vezes, caricata da mesma; b) deve ocupar-se de problemas filosóficos que realmente se apresentam no curso de uma investigação científica; c) deve propor soluções claras para esses problemas que sejam consistentes com teorias rigorosas e inteligíveis e não teorias confusas e até mesmo inadequadas; d) esta epistemologia tem de ser capaz de distinguir uma ciência autêntica de uma pseudociência, uma investigação profunda de uma superficial e a procura da verdade ao invés da procura do pão de cada dia; e, e) finalmente, ela deve ser capaz de fazer críticas a programas e resultados errôneos, bem como sugerir novos enfoques que sejam promissores.

Note-se que a noção de utilidade não tem a ver com o utilitarismo, isto é, a importância de ser útil para a maioria em um contexto prático. Útil, entende-se, à volta a problemas reais de modo a orientar concretamente uma ciência. Uma ciência que carece de orientação e não consegue separar resultados adequados de inadequados, conhecimentos comprovados de pseudo-científicos, e que não possui uma linguagem clara para explicar os fenômenos da realidade perde o seu valor social. O conhecimento científico possui um valor justamente porque se difere dos demais e se produz de outra forma. Sem tais características perderia a sua essência e, com isso, a utilidade à sociedade.

Nesse sentido, podemos perceber que existe uma estreita relação entre os métodos adotados em uma investigação e a epistemologia que fundamenta o domínio em que se realiza tal investigação (FREITAS, 2012). Como nota Rendon Rojas (2008, online), “a metodologia é um fator essencial na construção do conhecimento científico; mas ao mesmo tempo devemos reconhecer que toda metodologia depende de uma epistemologia”. Desse modo, a epistemologia enfoca os graus de certeza e probabilidade de um certo campo do conhecimento, buscando a validação e a fundamentação lógica para afirmarmos o que afirmamos e, “desta maneira, dependendo dos pressupostos epistemológicos dos quais se parte, serão as exigências metodológicas que se terão” (RENDON ROJAS, 2008, online).

Como afirma Japiassu (1979), o conhecimento passou a ser visto como algo em vias de se fazer e não como um dado pronto. Vejamos como ele se expressa:

Devemos falar hoje de *conhecimento processo* e não mais de *conhecimento estado*. Se nosso conhecimento se apresenta em *devir*, só conhecemos realmente quando passamos de um conhecimento menor a um conhecimento maior. A tarefa da epistemologia consiste em conhecer este *devir* em analisar todas as etapas de sua estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório, jamais acabado ou definitivo (JAPIASSU, 1979, p. 27, **grifos do autor**).

Dessa forma, a epistemologia toma por objeto a ciência como processo, buscando conhecer esse *devir* e analisar sua gênese, formação e estruturação progressiva. Essa concepção processual de ciência se opõe à noção inerte que explica a ciência como conjunto estável e consolidado de leis e fatos. A ciência se aproxima mais a um movimento de pessoas responsáveis que buscam a melhor representação testada e comprovada dos fatos (verdade). Nesse sentido, a epistemologia estuda o movimento global da produção do conhecimento na ciência e não é apenas uma glosa sobre os registros históricos de descobertas bem sucedidas.

Em sua concepção clássica, as pesquisas epistemológicas eram desenvolvidas pelos filósofos, como por exemplo as que foram desenvolvidas por J. Piaget, G. Bachelard, M. Foucault, K. Popper e J. Habermas dentre outros. Contemporaneamente, tem-se considerado que essas investigações devem se

aproximar tanto quanto possível dos pesquisadores das próprias disciplinas, devido ao conhecimento privilegiado que eles possuem do seu objeto de estudo e das problemáticas a ele relacionadas.

Nesse sentido, os estudos de natureza crítica, metodológica e epistemológica devem fundamentar-se na ideia de que é imprescindível os pesquisadores estarem atentos para a natureza do conhecimento gerado em seus campos de estudos, assim como para os fundamentos que norteiam as investigações. Afinal, como indicam Bruyne, Herman e Schoutheete (1982), os avanços das ciências não são apenas ‘progressivos’, mas também ‘reflexivos’. Isto é, o desenvolvimento das ciências depende, além das investigações que visam seu crescimento linear, de estudos que se dediquem à reflexão crítica sobre o conhecimento nelas produzido.

De acordo com Sousa et al (2004), a epistemologia possui uma variedade de objetivos dentre os quais poderíamos destacar os seguintes: a) esclarecer os paradigmas que os pesquisadores utilizam para construir observações e teorias; b) evidenciar a coerência interna e relacional entre as teorias; c) determinar os níveis de confiabilidade dos construtos (o problema da certeza e da crença); e, d) analisar a atividade mental (pensamento, linguagem, inferência, uso de raciocínios) utilizada para construir a ciência.

Assim, podemos dizer que, em uma concepção *lato sensu*, a epistemologia pode ser compreendida como uma disciplina cujo objetivo é a qualidade do conhecimento científico.

No entanto, para não ficar apenas dentro dessa perspectiva maior, os pesquisadores devem delinear como estratégia metodológica a adoção de uma especificidade epistemológica a ser utilizada nos seus estudos, considerando, segundo a visão de Japiassu (1979), que dentro dessa perspectiva maior da epistemologia, existem em sentido *stricto sensu* três tipos de epistemologias a saber:

Epistemologia global (geral): quando se trata do saber globalmente considerado, com a virtualidade e os problemas do conjunto de sua organização, quer sejam “especulativos”, quer “científicos”;

Epistemologia particular: quando se trata de levar em consideração um campo particular do saber, quer seja “especulativo”, quer “científico”;

Epistemologia específica: quando se trata de levar em conta

uma disciplina intelectualmente constituída em unidade bem definida do saber e de estudá-la de modo próximo, detalhado e técnico, mostrando sua organização, seu funcionamento e as possíveis relações que ela mantém com as demais disciplinas (JAPIASSU, 1979, p. 16-17)

Japiassu (1979) menciona também o fato de que, a respeito da ciência, tem-se duas modalidades de epistemologia: a interna e a derivada. Quanto à modalidade interna, o autor destaca que ela consiste na análise crítica que se faz dos procedimentos de conhecimento que a ciência utiliza com o objetivo de estabelecer os seus fundamentos. “Enquanto tenta estabelecer uma teoria dos fundamentos de uma ciência, a epistemologia interna tende a integrar seus resultados no domínio da ciência analisada” (JAPIASSU, 1979, p.17).

Contrariamente a essa perspectiva, a modalidade derivada tem por objetivo fazer uma análise da natureza dos procedimentos de conhecimento de uma ciência. Na concepção do autor, isso não é feito para fornecer-lhe um fundamento ou intervir em seu desenvolvimento “[...] mas para saber como esta forma de conhecimento é possível, bem como para determinar a parte que cabe ao Sujeito e a que cabe ao Objeto no modo particular de conhecimento que caracteriza uma ciência” (JAPIASSU, 1979, p.17).

Para uma melhor caracterização destas duas modalidades de epistemologia, listamos no quadro a seguir uma síntese a respeito das mesmas a fim de melhor compreendê-las:

Quadro 2 – Epistemologia interna e epistemologia derivada

Epistemologia interna	A epistemologia interna será constituída pelo exame crítico dos métodos e fundamentos de uma ciência. Enquanto teoria dos fundamentos, a epistemologia interna procura justificar a integração dos resultados científicos no domínio próprio da ciência considerada, enquanto legitima o método e demonstra a adequação do resultado atingido com o objeto específico que constitui o centro de análise dessa produção científica (interna a uma ciência). Daqui decorre que a epistemologia interna define também um domínio epistemológico interno, que é parte do domínio epistemológico global; decorre ainda, por simples manipulação da definição, que este domínio interno é necessariamente preenchido pelo próprio cientista que trabalha dentro dos «limites» de uma ciência concreta: ao desenvolver a sua atividade, o cientista tem de se interrogar sobre a realidade dos seus métodos, sobre a adequação dos seus resultados ao objeto, em última análise, sobre o próprio fundamento da ciência que pratica. [...] A epistemologia interna é rigorosamente disciplinar.
-----------------------	---

Epistemologia derivada	A epistemologia «derivada» é constituída pelo estudo das condições que tornam possível uma ciência, o que obriga a estabelecer a sua relação com as outras ciências que se localizam na vizinhança da primeira e a levantar as questões epistemológicas gerais que se definem na relação do sujeito e do objeto nos mecanismos do conhecimento. Isto é, na epistemologia «derivada» abandonamos os «limites» de uma ciência particular para passarmos a focar o objeto dentro da relação que o sujeito com ele estabelece; como um mesmo objecto é simultaneamente considerado por diversas ciências — com pequenas diferenças de definição, que dependem do modo de produção de cada ciência, enquanto este se traduz na definição do seu próprio «objecto teórico» — torna-se necessária, neste domínio epistemológico «derivado», a análise do tratamento específico que as várias ciências «vizinhas» fazem deste objecto «pluriforme». Daqui se conclui, imediatamente, que o projecto da epistemologia «derivada» é interdisciplinar.
------------------------	---

Fonte: Aguiar (1972, p.109-111)

A partir dessa delimitação, constata-se que a epistemologia pode ser desenvolvida a partir de diversas perspectivas e, portanto, delinear as possibilidades de estudo a partir de uma configuração específica é sempre uma questão arbitrária, uma vez que existem várias linhas epistemológicas que podem ser aplicadas. No entanto, algumas correntes tem se destacado ao longo do tempo e, com base no pensamento de Japiassu (1979), pode-se apontar, dentre outras: A epistemologia genética, de J. Piaget; A epistemologia histórica, de G. Bachelard; A epistemologia “racionalista-crítica”, de K. Popper; A epistemologia “arqueológica”, de M. Foucault; e, A epistemologia “crítica”. Para um melhor entendimento dessas correntes apresentamos a seguir, um breve entendimento de cada uma delas a partir das contribuições de Japiassu (1979), Jeffman e Menezes (2013) e Nery (2012).

A Epistemologia Genética foi desenvolvida por Jean Piaget que, desvencilhando-se de um pensamento associacionista empirista e partindo da questão de Kant: ‘como o conhecimento é possível?’ averiguou o desenvolvimento das funções mentais, para compreender que este fornece uma *explicação*, ou, pelo menos, um complemento de informação quanto aos mecanismos dessas funções mentais em seu estado acabado. Apropriando-se desta nova epistemologia, Piaget modifica a problematização do conhecimento. A questão deixa de ser ‘como o conhecimento é possível?’ e passa a ser ‘como crescem os conhecimentos?’.

Toda a obra de Piaget tem por objetivo constituir uma epistemologia capaz de construir um elo entre a Psicologia Genética e a Epistemologia geral, uma vez que compartilha fundamentalmente da convicção de que os conhecimentos resultam de

uma construção. Piaget registra a fragilidade das diversas teorias filosóficas do conhecimento e as considera, até mesmo, contraditórias, pois estas não fornecem algum critério objetivo para decisão, ou seja, permanecem especulativas. Por fim, mesmo criando uma base própria de experimentação para a epistemologia, o trabalho de Piaget, conforme o entendimento de Japiassu (1979), Jeffman e Menezes (2013) e Nery (2012), constitui-se apenas um aspecto secundário de um empreendimento epistemológico. Ademais, a epistemologia genética não equaciona o problema essencial do conhecimento científico: o do *lugar* e o *funcionamento* das pesquisas científicas dentro da 'ordem', dentro do contexto sócio-cultural vigente, em que se situam as sociedades elaboradoras desse conhecimento.

A Epistemologia Histórica foi idealizada pelo teórico Gaston Bachelard, que partiu do pressuposto de que é preciso dar às ciências a filosofia que elas merecem. Afirmava que, no fundo, a epistemologia consistia na história da ciência como ela deveria ser feita, isto é, toda a reflexão efetiva, capaz de estabelecer o verdadeiro estatuto das ciências formais (lógica e matemática) e das ciências empírico-formais (ciências físicas, biológicas e sociais), deve ser necessariamente histórica. Dessa forma, a atividade epistemológica, indissociável da história das ciências, ganha importância, na medida em que tem como papel refletir sobre os métodos, a significação cultural, o lugar, o alcance e os limites do conhecimento científico.

Bachelard insere-se na corrente que propõe uma análise da história das ciências, de suas revoluções, bem como das *démarches* do espírito científico, além de afirmar que a epistemologia consiste na história de como deveria se fazer a ciência, não impondo, *a priori*, uma epistemologia aos cientistas. Em síntese, a epistemologia deve ser aplicada, não mais à natureza e ao valor do conhecimento, mas às ciências em vias de se fazerem e em suas condições reais de crescimento. Reconhecendo que a filosofia, ao tomar a ciência por objeto, vise a uma ciência ideal, assegura que a filosofia não tem objeto, devendo pautar-se por sua distância relativamente ao conhecimento científico, o que não significa menosprezar a filosofia, mas torná-la contemporânea das ciências.

Quanto à perspectiva Epistemologia "racionalista-crítica", K. Popper é seu principal representante. Ele foi considerado, na Inglaterra de 1946, um dos filósofos oficiais da democracia liberal. A epistemologia de Popper, ou sua filosofia das

ciências, foi elaborada no contexto da corrente de pensamento denominada de *empirismo lógico* ou de *neopositivismo*, originada do Círculo de Viena. O empirismo lógico buscou delimitar, de forma precisa, o domínio das linguagens empíricas e em descrever com o máximo rigor possível o estatuto metodológico das ciências positivas, determinando não somente os critérios de *verdade* e de *falsidade* dos enunciados empíricos, mas também os critérios de seu *sentido*, reduzindo todo o conteúdo do conhecimento a *determinações observáveis*.

Do ponto de vista epistemológico, Popper se considera, ao mesmo tempo, um racionalista, um empirista e um realista. Contrapõe-se dessa forma a tese de que a objetividade da ciência dependa da objetividade do cientista. Apresenta-se, assim, como um inimigo declarado de toda espécie de convencionalismo, de pragmatismo e de subjetivismo. Para ele, o universo da ciência faz parte daquilo que chama de o terceiro mundo, e não do segundo mundo. O terceiro mundo é o mundo das teorias objetivas, dos problemas e dos argumentos objetivos, *cortado* do mundo da subjetividade psicológica (segundo mundo). A partir da sua tese sobre o primado do problema, Popper faz uma crítica ao cientificismo metodológico que tenta impor às ciências sociais o mesmo método das ciências da natureza. Em síntese, a epistemologia de Popper caracteriza-se por uma permanente crítica às concepções científicas dominantes, buscando construir hipóteses novas para atingir a explicação científica, sempre aproximada e não definitiva (JAPIASSU, 1979; JEFFMAN, MENEZES; 2013; NERY, 2012).

A Epistemologia “arqueológica” foi desenvolvida por Michel Foucault. Para desenvolver essa perspectiva epistemológica, Foucault apresenta o conceito de *triado dos saberes*, noção que lhe permite definir uma espécie de espaço epistemológico da constituição das ciências humanas de caráter racional e científico. Com isto, o objetivo de Foucault é analisar a *episteme* ocidental e seus momentos sucessivos, descobrindo as etapas de sua progressão, em direção ao *triado dos saberes* e do agendamento das ciências humanas.

Enquanto epistemologia, a ‘arqueologia’ de Foucault pode colocar-se sob patrocínio da filosofia do conceito, pois sua teoria da *episteme* outra coisa não é, como ele próprio reconhece, senão a teoria de um sistema. Trata-se de uma epistemologia arqueológica que o teórico se esmera, que não visa à descoberta

da origem do homem, mas o *fundamento das ciências humanas*, ou seja, trata-se de um sistema, não de códigos de regras relativamente à percepção e à palavra, mas de ordem fundamental que deve orientar e reger as ciências, constituindo para elas um *a priori* histórico.

Ao lado dessas correntes epistemológicas contemporâneas, Japiassu (1979, p.138) afirma que surgiu um novo tipo de epistemologia que ele designa de Epistemologia Crítica. Segundo o autor, essa nova concepção epistemológica seria resultado de uma reflexão que os próprios cientistas estão fazendo sobre a ciência em si mesma. “Trata-se de uma reflexão histórica feita pelos cientistas sobre os pressupostos, os resultados, a utilização, o lugar, o alcance, os limites e a significação sócio-culturais da atividade científica”.

Dessa forma, pode-se conceituar a Epistemologia Crítica como sendo:

[...] o estudo científico e filosófico do conhecimento que têm por objeto o saber científico, técnico, cultural e filosófico de um conjunto autônomo e crítico de práticas (ações) e saberes conscientes baseados em instâncias integradas de mediação (objeto↔sujeito), que sejam: **a)** não dogmáticas ou absolutas, mas flexíveis e coletivas, em que todo o objeto do conhecimento pode ser matéria (princípio), instrumento (meio) e produto ou forma (fim); **b)** sem conteúdos prévios, mas construídos através da sistematização das suas relações, do esclarecimento dos seus vínculos, da avaliação dos seus resultados e aplicações; **c)** não hierarquizadas, em que o objeto e o sujeito do conhecimento são mediados e mediadores, em que a alternância e a polivalência do objeto e do sujeito no que se refere à mediação é uma regra e não uma exceção; **d)** baseadas no primado do real concreto sobre o real pensado, com uma necessária integração dinâmica e contraditória entre ambos (FARIA, 2014, online).

Assim, dentro dessa perspectiva, Faria (2014) assinala que a questão central, a partir desse sentido, pode ser assim configurada: como o conhecimento, levando em conta as diferentes perspectivas como o científico, técnico, cultural e filosófico se produz? Dessa forma, entende-se que a epistemologia não se ocuparia de quaisquer conhecimentos, mas daqueles que tem por objeto os saberes acima mencionados.

A epistemologia, deste modo, estuda estes saberes baseada na vigilância recíproca que ciência e filosofia fazem uma sobre a construção e produção da outra. Quebra-se, aqui, a fórmula da partenogênese, pois em todos os casos há uma crítica externa” (FARIA, 2014, online).

Nesse sentido, não se pode perder de vista que, conforme ressalta

Japiassu (1979, p.138), a Epistemologia Crítica também tem como “objetivo essencial interrogar-se sobre a responsabilidade social dos cientistas [...]”, uma vez que essa interrogação tornou-se uma das questões cruciais da cultura contemporânea em um momento que os questionamentos a respeito da utilidade social das diversas ciências, em específico as ciências humanas, se faz cada vez mais presente nos anseios da sociedade visto que a ciência, a todo o momento, cria e transforma a cultura humana com seus produtos e descobertas.

A partir dessa constatação, argumenta-se que a pesquisa, tendo por base essa fundamentação epistemológica, não pode se desenvolver de forma automática, direta e simples pelo contrário, ela comporta momentos distintos, porém integrados quando de sua realização. Há que se destacar, também, que estes momentos não podem ser reduzidos a meros contatos nem à quantidade de vezes em que o pesquisador estabelece essas relações com o objeto de sua pesquisa, mas às formas como estas relações vão ser desenvolvidas e transformadas (FARIA, 2014).

Entendemos, dessa forma, que essa relação entre o sujeito e seu objeto passa a se dar de uma forma mais qualificada e menos ingênua. Notamos que, como definido anteriormente, a epistemologia oferece uma possibilidade de entender melhor a realidade em que se dão o desenvolvimento dos processos científicos a partir de um olhar mais crítico e mais rigoroso visto que, à semelhança de um mirante, permite ampliar o grau e o alcance do olhar investigativo.

3 A EPISTEMOLOGIA NO CONTEXTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

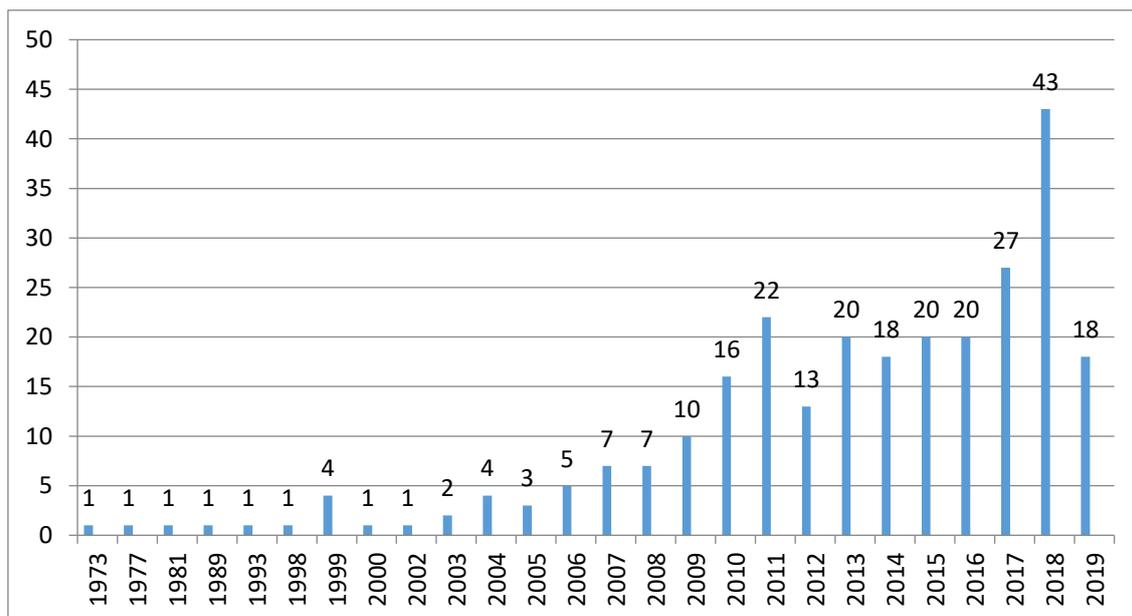
No contexto de uma epistemologia específica, isto é, a análise de uma área do saber específica destacando a sua organização, estrutura e relações interdisciplinares, encontra-se os estudos epistemológicos da Ciência da Informação.

A respeito de sua inegável contribuição para um olhar mais crítico em relação às contribuições da epistemologia, não se pode deixar de destacar que os estudos epistemológicos não são fáceis de conduzir na Ciência da Informação em razão de sua complexidade e de sua ainda incipiente consolidação científica fazendo com que a mesma ainda tenha uma atuação de forma bastante recursiva para lidar com seu polêmico objeto de estudo. Talvez por essa razão,

alguns autores, como por exemplo Barreto (2007), preferem lidar mais com sua historiografia do que com sua epistemologia.

No entanto, estudos dessa natureza vem ganhando centralidade na comunidade de Ciência da Informação onde é possível constatar um crescente número de artigos e outras modalidades bibliográficas que tratam dessa temática. Uma consulta na base BRAPCI com o termo “epistemologia”, nos campos de título, palavras-chaves e resumos entre os anos de 1972 a 2019 recuperou um total de 267 artigos. Ressalte-se que a pesquisa foi realizada até o ano de 2019 uma vez que optamos por trabalhar com os anos fechados para termos uma melhor visualização da produção científica do campo da Ciência da informação a respeito de estudos epistemológicos. A partir de um agrupamento apenas cronológico³, os dados levantados apresentam o seguinte cenário:

Gráfico 1 – Quantidade de artigos sobre Epistemologia na Base BRAPCI: 1972 a 2019



Fonte: elaborado pelos autores

³ Vale ressaltar que esse levantamento teve apenas um caráter pragmático de mostrar a evolução quantitativa de estudos com essa temática no contexto da Ciência da Informação. Para uma análise mais específica a este respeito podem ser apontados os estudos de outras pesquisas que demonstraram com maior riqueza de detalhes que a temática ganhou importância como objeto de estudo no campo da Ciência da Informação dentre os quais se podem destacar os seguintes: Araújo et al. (2007); Renault (2007); Freire (2008); Arboit; Bufrem; Freitas (2010); Silva (2011); Souza (2011); Rabello (2012); Menezes (2013); Francelin (2018).

Como se pode perceber pelo gráfico acima, até a década de 2000 o termo epistemologia aparecia de forma esporádica no campo da Ciência da Informação. Após essa década, no entanto, pode-se notar um crescente aumento pelo interesse de questões ligadas a essa temática com um crescimento exponencial na quantidade artigos que traziam em seu arcabouço, algum aspecto ligado à epistemologia.

Esse aumento coincide com o período em que os questionamentos a respeito do estatuto científico da Ciência da Informação começam a ser mais fortemente discutidos por autores ligados ao campo que buscavam estabelecer um marco científico que pudesse ser apropriado pela Ciência da Informação e que a levassem a se inserir de forma definitiva nos assim denominados campos científicos. Nesse contexto, os estudos epistemológicos passaram a ter um destaque cada vez maior na agenda de pesquisadores ligados ao campo da Ciência da Informação.

Esse fato pode ser corroborado pelo estudo de Francelin (2018, p. 90) ao afirmar que a “emergência de novos contextos paradigmáticos, conforme observado por Saracevic (1996), Pinheiro (1999), Aquino (2002), Capurro (2003) e Robredo (2003), pode ter sido uma das características que motivou o aumento das pesquisas epistemológicas” no contexto da Ciência da Informação. Ainda segundo Francelin (2018, p. 91):

[...] especificamente, o amadurecimento científico, o desenvolvimento de programas e grupos de pesquisa, o apoio institucional e a maior participação da comunidade nas esferas científicas, além do aprimoramento na produção científica, podem ser igualmente destacados nessa evolução.

Aliado a estes acontecimentos elencados acima, podemos ainda destacar como sendo de fundamental importância para a consolidação e o avanço dos estudos de natureza epistemológica no contexto da Ciência da informação os seguintes elementos históricos: o início de fóruns internacionais sobre epistemologia na CI em 1990; a necessidade, em razão da globalização, de analisar o papel e a formação do profissional da informação em um novo cenário; a presença crescente de novas tecnologias que alteraram a importância de algumas áreas do saber e da prática; o forte apelo interdisciplinar que provocou a aproximação de várias ciências, sendo necessário conhecer para tanto a

disciplinaridade; o crescimento de programas de pós-graduação no Brasil e o surgimento dos primeiros doutorados e doutores no país, o que impacta na produção científica sobre o assunto; a justificção nos anos 1990 da mudança de nome dos departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Como se pode notar nos aspectos acima, as principais motivações estão em fatores externos ao campo e menos nos internos. Uma área quando não anda bem e sofre por fatores econômicos e sociais que intentam contra a sua existência, entra em crise identitária e recorre a explicações. Por outro lado, áreas consolidadas perdem menos tempo com explicações epistemológicas.

Assim, no contexto da Ciência da Informação, estudos dessa natureza são importantes uma vez que Hjørland (2003) e Arboit (2014) alertam para a fragilidade teórica do campo devido à carência do debate epistemológico em detrimento à ênfase dada a questões tecnológicas nas pesquisas. Rendon Rojas (2008), por sua vez, acredita que estes estudos são necessários para a Ciência da Informação, uma vez que permitem seu autoconhecimento, sua autoconstrução e sua interdisciplinaridade. Souza e Dias (2011, p. 2) corroboram tais constatações afirmando que estudos dessa natureza “constituem os fundamentos de compreensão e desenvolvimento de um campo de conhecimento e se encontram na base do processo de consolidação”.

Portanto, para a Ciência da Informação, os estudos sobre questões epistemológicas tornam-se fundamentais, pois diversamente das ciências convencionais como a Física ou a Química, por exemplo, ela ainda é dotada de um alto grau de complexidade em função da sua recente consolidação e do seu multifacetado objeto de estudo: a informação (ARBOIT; BUFREM; FREITAS, 2010, online).

Como afirma Linares Columbié (2010, online), “qualquer campo do conhecimento em sua trajetória não pode deixar de recorrer à epistemologia como base para a reflexão sobre sua construção teórica”. Na mesma direção, Hjørland (2003) salienta que os estudos epistemológicos são considerados como a abordagem mais fundamental entre todas as outras e, quando estão ausentes, tendem a tornar qualquer outra abordagem superficial.

Nesse sentido, Linares Columbié (2010) afirma que a Ciência da

Informação, em seus discretos anos de existência como domínio de conhecimento, tem tido uma inevitável e moderada leitura deste ângulo epistemológico. Da mesma forma, Hjørland (2003, p. 107) já havia constatado que “os estudos epistemológicos têm sido raros em Ciência da Informação, e parece urgente para o campo atualizar nossas qualificações nesta área”. É claro que, desde então, como se pode verificar pelos dados do gráfico 1, muitas pesquisas voltaram-se para essa questão e, hoje, em diversas áreas correlatas à Ciência da Informação, já se tem uma produção epistemológica bastante avançada, uma vez que não se pode perder de vista o fato de que, estudos dessa natureza, são de extrema importância para a consolidação científica de qualquer campo que almeja ser reconhecido cientificamente.

Especificamente em relação às pesquisas epistemológicas realizadas em Ciência da Informação, Rendón Rojas (2008, online) afirma que, em primeiro lugar, é preciso estabelecer os motivos pelos quais é necessário esse tipo de investigação na referida área. Seu ponto de vista é que três são os motivos principais pelos quais se deve realizar esse tipo de investigação:

1. Para um autoconhecimento da disciplina: Isto é, para encontrar a identidade da ciência da informação, para construir um metarrelato da teoria da informação que especifique seu ser e seu fazer, assim como seu valor ante si, ante outras ciências e ante a sociedade. Esta tarefa requer um estudo sistemático e permanente, pelo que se requer que exista uma linha de investigação sobre essa temática.

2. Para autoconstruir-se. Isto é, para fundamentar seu corpo teórico e fugir de modismos terminológicos e criar um corpo conceitual próprio, preciso, claro e definido. Neste caso, os estudos epistemológicos são realizados para resolver problemas concretos que aparecem durante uma investigação de uma temática determinada e quando se resolvem – se justifica a abordagem que se realiza ou a metodologia utilizada, se constroem os conceitos necessários – deixa de ser indispensável continuar com esse tipo de estudo epistemológico. É por isso que encontramos trabalhos e autores que abordam a problemática epistemológica em certo momento e posteriormente não continuam desenvolvendo esse tipo de estudo.

3. Para a interdisciplinaridade. Isto é, para entrar em diálogo e interrelação com outras disciplinas, mas com plena identidade, o que permitirá evitar a tentação de invadir outros campos de conhecimento e ao mesmo tempo não ser absorvido pelas outras ciências.

Como podemos observar, ao tratar de um assunto epistemológico, Rendon Rojas (2008) afirma que uma das preocupações desse tipo de estudo é, dentre outros, para se aplicar a interdisciplinaridade, isto é, para entrar em um diálogo e interação conceitual, teórica ou metodológica com outras disciplinas, mas também não se pode perder de vista que esse diálogo com outras disciplinas deve ser feito com plena identidade sob pena de se não conseguir estabelecer um “diálogo” mas um “monólogo” onde a Ciência da Informação apenas se sirva de outras disciplinas sem conseguir identificar sua própria contribuição.

Não é sem razão então que, estudos que tenham uma abordagem epistemológica podem contribuir para um entendimento mais profundo do campo, onde se aplicam seus pressupostos e, dessa forma, não ficar apenas no nível formal, mas real da interdisciplinaridade como destacado por Smit, Tálamo e Kobashi (2004).

Nesse sentido, Gonzalez de Gomez (2012) assevera que a reflexão epistemológica é importante porque oferece uma oportunidade de autoconhecimento que é obtida por intermédio de um exercício de pensamento que, uma vez exteriorizado em discursos e processos argumentativos,

[...] permite a crítica e o enriquecimento dialógico entre visões alternativas; contribui para o alargamento das matrizes gnosiológicas das comunidades de reflexão, ao dar visibilidade a zonas ainda opacas de indagação, favorecendo assim a construção de novos conhecimentos (GONZALEZ DE GOMEZ, 2012, p.19).

No que diz respeito aos estudos relacionados à constituição de um campo de conhecimento, e neste caso particular podemos destacar o campo da Ciência da Informação, a referida autora especifica que, ao destacar tanto seus núcleos de relevância e pertinência quanto seus desafios e incertezas, a epistemologia, ao mesmo tempo em que contribui na construção de sua autonomia, permite também o enriquecimento das “relações inter e pós disciplinares com outras áreas e modos de conhecimento, contribuindo para o reconhecimento das zonas de vizinhança, de conflito, de justaposição, de exclusão ou de compartilhamento” (GONZALEZ DE GOMEZ, 2012, p.19).

Assim, entende-se que, sem o aporte epistemológico, os argumentos

utilizados na consolidação científica da Ciência da Informação tornam-se frágeis e facilmente contestáveis uma vez que tendem a ficar mais na superficialidade aparente dos fenômenos factuais e menos nos fenômenos epistêmicos que são essenciais para que um campo se estabeleça de forma científica.

Desse modo, não se pode menosprezar os alcances essenciais que um estudo epistemológico dentro de uma perspectiva útil, como preconizada por Bunge, pode trazer a um campo científico. Nesse sentido, podemos nos valer novamente da metáfora do mirante a respeito da importância da abordagem epistemológica pois ao mesmo tempo que permite enxergar com mais nitidez, o mirante também permite ampliar o alcance do olhar, assim como age a epistemologia em relação ao próprio conhecimento científico, ou seja, ela tanto nos faz enxergar melhor quanto nos proporciona um panorama a respeito de seu *devoir*.

Entende-se, dessa forma, que, em estudos direcionados ao campo da Ciência da Informação com o aporte da epistemologia, a relação entre o sujeito cognoscente e seu objeto de estudo passa a se dar de uma forma mais qualificada e menos ingênua.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epistemologia não pode ser um termo usado de forma absolutamente trivial e vulgar no contexto científico. Seu emprego deve ser feito de forma consciente e preciso sob pena de não se conseguir extrair de sua utilização todo seu potencial acadêmico-científico. Também não deve ser utilizado de forma a apenas servir como “chamariz” para os motores de busca de documentos científicos como um termo que esteja na “moda”. A epistemologia é uma área séria e fundamental em qualquer ciência, principalmente nas áreas que mais sofrem com problemas de identidade e legitimidade.

Como ressalta Bunge (2013a), o estudante que se dedicar aos estudos epistemológicos, tendo consciência da sua real utilidade e alcance, não será prisioneiro de uma filosofia que seja incoerente e, muitas vezes, adotada de forma inconsciente. Dessa forma, poderá corrigir, sistematizar e enriquecer as opiniões filosóficas que poderão integrar sua visão de mundo.

Uma outra razão apontada por Bunge (2013a, p. 107) a respeito da

importância do estudo epistemológico, é que o estudante se esforçará por entender os termos que emprega e, dessa forma, não confundirá “o que se postula com o que se deduz, a convenção verbal com o dado empírico, a coisa com suas qualidades, o objeto com seu conhecimento, a verdade com seu critério, e assim sucessivamente”. Essas separações são responsáveis por produzir uma ciência madura, independente e autônoma.

Em um momento que se questiona a utilidade social das ciências, das exatas às humanidades, mas principalmente estas últimas, reconsiderar o papel social e o protagonismo das ciências é essencial. Para tanto, a principal tarefa a ser feita é distinguir a ciência da pseudo-ciência, a epistemologia de práticas pseudo-epistemológicas.

Dessa forma salienta-se que, atualmente, muitos campos que buscam sustentar seu discurso de cientificidade, como é o caso da Ciência da Informação, esbarram em problemas epistemológicos como por exemplo, a grande dispersão terminológica de termos fundamentais para sua consolidação sem que se consiga definir claramente o contexto e a historicidade dos mesmos, e que passam a serem empregados de forma vulgar e inadvertidamente (PANDO, 2018).

Nesse sentido, e a título de exemplo, a epistemologia pode ser uma forma de se estabelecer melhor a relação entre o desenvolvimento das ciências e o emprego de termos que caracterizam essas ciências de forma a torná-las mais claras e compreensíveis. Essa tarefa é elementar em todos os campos científicos e a justificativa que a diversidade de definições é natural impede o avanço da epistemologia para os reais problemas desses campos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. Notas epistemológicas sobre Jean Piaget. **Análise Social**, Lisboa. v. 9, n. 33, p. 96-139, 1972.

ARAÚJO, C. A. Á. et al. A Ciência da Informação na visão dos professores e pesquisadores brasileiros. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 95-108, maio/ago. 2007.

ARBOIT, A. E. **O processo de institucionalização sociocognitiva do domínio de organização do conhecimento a partir dos trabalhos**

científicos dos congressos da ISKO. 2014. 285 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília-SP, 2014.

ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p.18-43, jan./abr. 2010.

BARRETO, A. A. Uma história da ciência da informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 13-34.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. D. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os polos da prática metodológica. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BUNGE, M. **Epistemologia**: curso de atualização. São Paulo: T.A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

BUNGE, M. **La investigación científica**. 2 ed. corr. Barcelona: Ariel, 1989.

BUNGE, M. **La ciência**: su método y su filosofía. Navarra: Imagraf, 2013a.

FARIA, J. H. A epistemologia crítica e os momentos de pesquisa: uma proposição para os Estudos Organizacionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 8, 2014, Gramado-RS. **Anais eletrônicos[...]**. Gramado-RS: ANPAD, 2014. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo_2014/2014_EnEO97.pdf. Acesso em: 22 jan. 2020.

FRANCELIN, M. M. Abordagens em epistemologia: Bachelard, Morin e a epistemologia da complexidade. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 101-109, maio/ago. 2005.

FRANCELIN, M. M. Epistemologia da Ciência da Informação: evolução da pesquisa e suas bases referenciais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 89-103, jul./out. 2018.

FREIRE, I. M. Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-31, 2008.

FREITAS, J. L. **Opções metodológicas em pesquisas na área de Ciência da informação**: contribuições a uma análise de domínio. 2012. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

GOMES, W. B. Gnosiologia versus epistemologia: distinção entre os fundamentos psicológicos para o conhecimento individual e os fundamentos

filosóficos para o conhecimento universal. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 37-46, 2009.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As ciências sociais e as questões da informação. **Morpheus** – Revista eletrônica em Ciências Humanas. v.9, n.14, 2012.

HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, v.30, n.2, p.87-111, 2003.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979.

JAPIASSU, H. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JAPIASSU, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JEFFMAN, M. W.; MENEZES, D. P. M. Epistemologia: compreendendo as bases teóricas do fazer epistemológico. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 5., 2013, Santa Maria-RS. **Anais eletrônicos**[...] Santa Maria-RS: UFSM, 2013.

LINARES COLUMBIÉ, R. Epistemología y Ciencia de la información: repensando un diálogo inconcluso. **Acimed**, v.21, n.2, 2010.

MENEZES, I. P. de. **A Ciência da Informação: uma reflexão sobre suas bases epistemológicas**. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em Gestão) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

NERY, M. F. Uma teoria ética com base no princípio da responsabilidade. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIENCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 2., 2012, Florianópolis-SC. **Anais eletrônicos**[...] Florianópolis-SC: UFSC, 2012.

PANDO, D. A. **Epistemologia da Organização da informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro**. 463 f. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

RABELLO, R. A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 2-36, jan./abr. 2012.

RENDÓN ROJAS, M. A. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. Ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, v. 9, n. 4 ago. 2008.

RENAULT, L. V. **A Ciência da Informação e sua configuração epistemológica**: análise com base nas linhas de pesquisa da área. 2007. 165f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

RICHARDSON, A. That Sort of Everyday Image of Logical Positivism: Thomas Kuhn and the Decline of Logical Empiricist Philosophy of Science. *In*: RICHARDSON, A; UEBEL, T. (org.) **Cambridge Companion to Logical Empiricism**. Cambridge University Press, 2007. p. 346-369.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

SILVA, J. L. C. **A identidade da Ciência da Informação brasileira no contexto das perspectivas históricas da pós-graduação**: análise dos conteúdos programáticos dos PPGCI's. 2011. 229f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. F. G. M; KOBASHI, N. Y. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, fev. 2004.

SOUSA, P. L. R. *et al.* Epistemologia: quem precisa dela? **Rev. Bras. Psiquiatr.** v. 26, n. 3, p. 211-215, 2004.

SOUZA, E. D. de. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação**: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. 2011. 346f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W. A integração disciplinar na ciência da informação: os não-ditos sobre essa familiar desconhecida. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 40, n. 1, p. 52-67, jan./abr. 2011.

ANALYSIS ON EPISTEMOLOGY AND ITS APPLICATION TO INFORMATION SCIENCE

ABSTRACT

Objective: From a more vertical perspective, the present article aims to synthesize a few discourse concepts related to Epistemology in its historicity based upon epistemological and philosophical reflections as well as, in a more horizontal way, identify their importance and applicability in the area of Information Science. **Methodology:** For this reason, the methodology adopted makes use of an eminently theoretical study, based on a bibliographical review on some authors essentially connected with the field of Epistemology, not following a specific chronological delimitation. **Results:** It has been verified that, in the broad sense of the word, Epistemology can be understood as an area

(science) whose central objective is the quality of scientific knowledge. As such, it is predominantly interested in the increase of scientific knowledge and, in order to fulfill its aim, it must render itself useful to science and not simply be applied superficially. Another point to be highlighted is that the study of epistemological matters in the field of Information Science takes on fundamental importance because, apart from its high degree of complexity, Information Science has not yet clearly defined its scientific and methodological status, thus acting in a systematically recursive way towards its controversial object of study, namely, information. **Conclusion:** Within this context, Epistemology construes science as a process, seeking to grasp its development as well as its genesis, formation and progressive structuring.

Descriptors: Epistemology. Information Science. Epistemological Analysis.

ANÁLISIS DE EPISTEMOLOGÍA Y SU APLICACIÓN A LAS CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN

RESUMEN

Objetivo: Este artículo tiene como objetivo, desde una perspectiva más vertical, sintetizar algunas concepciones del discurso sobre la epistemología en su historicidad que se elabora a través de reflexiones epistemológicas y filosóficas y, de manera más horizontal, identificar su aplicabilidad y importancia en el campo de las Ciencias de la Información. **Metodología:** Para ello se adoptó como metodología la utilización de un estudio eminentemente teórico basado en una revisión bibliográfica de autores fundamentalmente vinculados al campo de la Epistemología sin una delimitación cronológica específica. **Resultados:** Se encontró que, en una concepción en sentido amplio, la epistemología puede entenderse como un área (ciencia) cuyo objetivo es la calidad del conocimiento científico, estando preponderantemente interesada en el problema del crecimiento del conocimiento científico, por tanto, para lograr su objetivo debe ser útil a la ciencia y no aplicarse sólo superficialmente. Otro punto a destacar es que los estudios sobre temas epistemológicos en el campo de las Ciencias de la Información se vuelven fundamentales porque, además de un alto grado de complejidad, aún no ha definido claramente su estatus científico y metodológico y por lo tanto actúa de forma recursiva. para abordar su controvertido objeto de estudio, a saber, la información. **Conclusiones:** En este contexto, la epistemología toma la ciencia como un proceso, buscando conocer su futuro y analizar su génesis, formación y estructuración progresiva.

Descriptores: Epistemología. Ciencias de la Información. Análisis Epistemológica.

Recebido em: 17.09.2020

Aceito em: 29.03.2021